

TABULEIRO DE LETRAS

Considerações sobre narrativas de cavalarias peninsulares

Remarques à propos de récits de chevalerie péninsulaire

Flávio Antônio Fernandes Reis ¹

RESUMO: O objetivo deste estudo é apresentar e comentar obras fundamentais da chamada matéria de cavalaria, mais precisamente a arturiana, bem como a sua transmissão nas letras ibéricas e, com isso, vislumbrar um conjunto significativo de obras que perfazem os mais diversos caminhos em diferentes emendas e apropriações.

Palavras-chave: Narrativa; Cavalaria; Matéria de Bretanha.

RESUMÉE: L'objectif de cette étude est de présenter et de commenter des œuvres fondamentales de la matière appelé chevalerie, surtout la arturienne, et sa transmission dans les lettres ibériques et, par conséquent, envisager un nombre important de travaux qui constituent des chemins dans les différentes versions et repris.

Mots-clé: Narrative; Chevalerie; Matière de Bretagne.

Menéndez y Pelayo, em *Orígenes de la novela*, no capítulo dedicado aos livros de cavalaria, afirma que não há nenhuma dessas obras – sejam as antigas, sejam as do ciclo carolíngio, bretão ou de matéria da Antiguidade – que não seja transformação de algum poema existente ou perdido. Isto é, há uma relação de imitação ou refacção entre livros de cavalaria pela qual eles se historicizam e configuram o gênero. Assim, propomos considerações sobre a composição de narrativas cavaleirescas na Península Ibérica, principalmente as castelhanas, realizando um percurso pelas principais obras conhecidas, algumas das suas características e os elementos que nos auxiliem na compreensão do gênero narrativo constituído pela matéria cavaleiresca. Para tanto, valemo-nos como apoio ou como

¹ Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo(USP). Professor de Literatura Portuguesa e Luso-brasileira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).



contraposição de estudos clássicos acerca da matéria, como se podem considerar as obras de autores como Marcelino Menéndez y Pelayo, Pascal de Gayangos, João Gaspar Simões e Henry Thomas, nas quais se encontram talvez as primeiras hipóteses e dados sobre diversas obras dos séculos XIV, XV e XVI relacionadas à matéria cavaleiresca.

Alan Deyermond, no artigo *The lost genre of medieval spanish*, define os livros de cavalaria como narração de peripécias relacionadas com o combate, o amor, a busca, a separação, a união e a viagem a outro mundo. Tais histórias costumam ser acompanhadas de um comentário sobre seu sentido e comportam, muitas vezes, conotações religiosas ou morais. Com frequência, contêm ainda elementos maravilhosos e acontecem em lugares distantes no tempo e no espaço, possuindo uma estrutura ora linear, ora episódica e podem ainda ser em verso ou prosa². A definição de Deyermond é bastante sumária, embora contemple um conjunto relevante de elementos comumente encontrados nas narrativas cavaleirescas. Contudo, diferente da simples generalização acima, o estudo detalhado das narrativas demonstra que há grande variedade na composição das mesmas matérias. Levando em conta o costume retórico, ou seja, uma *consuetudo* ou doutrinas muito antigas e variadas de práticas do discurso que ora ordenadas em manuais, ora transmitidas de mestre a discípulo, de autor a imitador e, com isso, podemos falar na invenção (*inventio*) das narrativas cavaleirescas, isto é, o que se há para dizer, ou o que se há de dizer e que seja decoroso à matéria. Na elocução (*elocutio*) dos textos, o modo como se revestem os livros de palavras e, nesse sentido, pressupondo certa arte de dizer na confecção das narrativas, dado que discursos elaborados, entende-se que os elementos enumerados por Deyermond configuram-se como tópicos, no sentido de sede de argumentos, e essas variam e se diversificam segundo o engenho do autor.

Em algumas narrativas cavaleirescas, no prólogo ou mesmo no descanso de batalhas e pelejas, o narrador volta-se para sua narração, deixando evidências das suas noções de escrita, seja para ressaltar seus cuidados elocutivos, seja para indicar os fins anagógicos da sua narração. Um exemplo disso está no prólogo do *Livro del caballero Zifar*, obra do século XIV, no qual encontramos uma explicação do que viria a ser o termo “emienda”:

Esta obra es fecha so emienda de aquellos que la quisieren emendar. E çertas deuenlo fazer los que quisieren e la sopieren emendar sy quier; porque dize la escriptura: “Qui sotilmente la cosa fecha emienda, mas de loar es que el que primeramente la fallo”. E otrosy mucho deue plazer a quien la cosa comiença a fazer

² Cf. Alan Deyermond apud Cristina González, in: Introdução. *Libro del caballero Zifar*. Madrid, Catedra, 1983, p. 13.

que la emienden todos quantos la quisieren emendar e sopieren; ca quanto mas es la cosa emendada, tanto mas es loada.³

Esboça-se um preceito verossímil para a composição das narrativas de aventuras. O narrador reconhece como louvável o costume da “emienda”, tanto para quem a pratica quanto para aquele cuja obra serviu de modelo para a nova refacção. Seria possível entender essa “emienda”, tal como se propõe acima, como uma continuação da matéria, procedimento muito recorrente no conjunto de obras cavaleirescas que chegaram ao nosso tempo. Mais, com isso constituem-se ciclos de narrativas que permaneceram coesos por séculos.⁴

Há também, nesse prólogo, considerações que se aproximam da noção de *elocutio* antiga, evidenciando os cuidados retóricos dessa escrita, tendo como fim deleitar e ensinar tal como nos ensinam algumas prescrições retóricas antigas quando tratam do *docere* (ensinar) e do *delectare* (deleitar):

Ca por razon de la mengua de la memoria del ome fueron postas estas cosas a esta obra, en la qual ay muy buenos enxiemplos para se saber guardar ome de yerro, sy bien quisiere breuir e vsar dellas; e ay otras razones muchas de solas en que puede ome tomar plazer. Ca todo ome que trabajo quiere tomar para fazer alguna buena obra, deue en ella entreponer a las vegadas (vezes) algunas cosas de plazer e de solas. E palabra es del sabio que dize asy: “ E entre los cuydados e las vegadas pone algunos plazer” Ca muy fuerte cosa es de sofrir el cuydado continuado sy a las vezes non se diese ome plazer o algunt solas.⁵

O caráter preceptivo dessas passagens é pertinente, já que, como sabemos, há uma permanência do costume e da autoridade de preceitos retóricos e poéticos de longa duração nas letras ocidentais, transmitidos por meio de obras inteiras ou compilações de autores célebres, tais como Cícero, Horácio, a retórica dirigida a Herênio, Quintiliano, Aristóteles e outros. Nas passagens citadas, em particular, observamos menções breves, mas significativas, que dizem respeito à elocução, ao *ethos* (caráter) do narrador e, sobretudo, ao fim ético da narrativa, um aspecto que nos remete à preceptiva ciceroniana sobre a persuasão do leitor à excelência moral. Nesse sentido, narrativas de cavalaria, como a do cavaleiro Zifar, apropriam-se de ensinamentos dos tratados de filosofia moral e os incluem na invenção da obra, compondo com as doutrinas éticas molduras para as ações e os caracteres num discurso poético variado e ornamentado.

³ Prólogo. In: *Libro del Caballero Zifar*. Edição de Cristina González. Madrid: Cátedra, 1983, p. 71.

⁴ Cristina González, editora do *Libro del Caballero Zifar*, fornece a seguinte nota para o termo “Emienda”: “Cambio, retoque. Trasladar y emendar eran las dos actividades básicas del escritor medieval, que carecía del sentido de la propiedad intelectual que caracteriza a los escritores contemporáneos.”. Nota 22, in: Prólogo. *Libro del caballero Zifar*, op. cit., p. 71.

⁵ Prólogo. In: *Libro del Caballero Zifar*. Edição de Cristina González. Madrid: Cátedra, 1983, p. 71.

As novelas de cavalaria foram muito numerosas na Península Ibérica no século XV e XVI, principalmente com o uso dos tipos impressos. Henry Thomas, em *Las novelas de caballerias españolas y portuguesas*, inventaria um conjunto significativo de obras cavaleirescas compostas no século XV e, com isso, demonstra o vigor dessas obras nas letras europeias quatrocentistas e a sua prestigiosa aceitação nos meios cortesãos europeus. Ademais, para Thomas, a publicação quinhentista do *Amadis* é um marco importante que evidencia o vigor das novelas de cavalaria quinhentistas, ainda mais pelas numerosas continuações posteriores, tornando-se modelo para um grande número de livros do gênero que se produziram em Espanha e Portugal nos cem anos seguintes.⁶

A narrativa cavaleiresca remontaria às transformações ocorridas na poesia épica medieval do norte das gálias após as invasões francas. Para Thomas, a novela de cavalaria seria uma “degeneração em prosa” da poesia praticada pelos jograis que popularizavam e prosificavam suas antigas histórias rimadas de batalhas e de cavaleiros corajosos:

La literatura caballeresca que floreció en el oeste de Europa durante la Edad Media no fué otra cosa que desenvolvimiento natural, una degeneración inevitable de aquella riqueza de poesía épica localizada en el norte de las Galias durante el período que siguió a la invasión franca.⁷

O vocabulário crítico de Henry Thomas tem como pressuposto teórico as teorias novecentistas de ordenação progressiva da história, o que se projeta para a constituição de uma história da literatura e, nesse sentido, fala-se de “degeneração”, “desenvolvimento natural”, “florescimento”. Importa-nos a notícia da relação entre as escritas cavaleirescas em prosa e as composições épicas gaulesas. De fato, há uma notável familiaridade entre as matérias desses textos, uma relação que lembra menos a noção de “degenerescência” ou “evolução” e mais, como nos parece, as noções de imitação, continuação ou da “emienda”, como lemos no prólogo do *Libro del caballero Zifar*. A leitura dos textos permite observar que estamos diante de matérias semelhantes transmitidas por meio de diferentes modos de elocução, havendo em cada caso implicações específicas pela relação do gênero e da elocução.

Para Saraiva, a narrativa de caráter mais ou menos imaginário resulta da síntese da “tradição literária latina”, mantida pelo clero, e da “tradição inventiva oral jogralesca.” Mais,

⁶ Cf. Henry Thomas. *Las novelas de caballerias españolas y portuguesas*. Madrid: Consejo de investigacion científica, 1952, p. 9. No capítulo II da obra referida, Henry Thomas dedica-se ao estudo do *Amadis* e suas continuações.

⁷ Henry Thomas. *Las novelas de caballerias españolas y portuguesas*. Madrid: Consejo de investigacion científica, 1952, p. 10.

na chamada Alta Idade Média teria havido a composição de pequenos poemas narrativos de cunho apologético ou hagiográfico, os quais foram sucedidos por composições de poemas heróico-apologéticos em cortes germânicas nas quais houve o que Saraiva chama de “pequenos renascimentos latinizantes”. Esses textos são, na interpretação de Saraiva, poemas representativos da aliança entre a aristocracia feudal militar e a aristocracia clerical letrada. Assim, com o uso mais generalizado das línguas vulgares, grande número de narrativas foi escrito nessas línguas com recursos elocutivos herdados de costumes retóricos.⁸ Com isso, é provável que tenha havido grande número de poemas e prosificações, em geral seguidores de modelos retóricos latinos, mas com matérias locais. O curioso é que, segundo Saraiva, isso também se verificou nos povos não latinizados como os de ramo céltico ou germânico (irlandeses, anglo-saxões, germânicos do além-Reno). Ulteriormente apareceram versões cortesias em língua d’oïl e as narrativas com matérias greco-romanas, tais como a história de Alexandre Magno, o cerco de Troia, Eneias e outros, muitos deles presentes e preservados em bibliotecas eclesiásticas. No século XII aparecem as canções de gesta, como a *Chanson de Roland*, e, pouco depois, os grandes poemas épicos, tais como os *Nibelungos* germânicos, as *sagas* irlandesas, os cantares castelhanos do Cid, de Bernardo de Cáprio ou dos Infantes de Lara, os *lais* bretões e poemas *jagralescos* com matérias de Grécia e Roma.⁹

Uma outra hipótese defende ainda que os trovadores provençais teriam transmitido as lendas célticas em suas andanças pela Catalunha, dando a conhecer cavaleiros como Erec, Tristão, Galvão, Lanzarote, como podemos ver num poema de Guirardo de Cabrera, de 1170:

Ni sabs d’Erec
 Con conquistec
 L’esparvier for de sa rejon...
 Ni de Tristan
 C’amava Ycelt a lairon,
 Ni de Galvaing
 Qui ses compaing
 Fazia tanta venaison
 Ni d’Arselot la contençon.¹⁰

Afonso, o Sábio, e seu neto D. Dinis de Portugal mencionam Tristão em suas composições, todavia a maior evidência de referenciais bretões na composição ibérica e

⁸ Saraiva, António José. Lopes, Oscar. *História da literatura portuguesa*, op. cit., p. 93.

⁹ Cf. Saraiva, Antonio José; Lopes, Oscar. *Gênese da ficção medieval em prosa*. In: *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996, p. 93.

¹⁰ Manuel Milá Fontanals. *De los trovadores en España apud Thomas. Las novelas de caballerias españolas y portuguesas*. Madrid: Consejo de investigacion científica, 1952, nota 21, p. 21.

portuguesa palaciana são os cinco “Lays de Bretanha” compilados no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, publicado por Garcia de Resende em 1516. São traduções livres de textos franceses que nos permitem inferir quão familiares eram os episódios da “matéria de Bretanha”. Outras evidências dessas leituras encontram-se no *Livro de linhagens* de D. Pedro, conde de Barcelos, cuja obra data de meados do século XIV e apresenta a genealogia dos reis, desde o romano Bruto, passando por Artur, incluindo a história do rei Lear.¹¹ Nessa longa genealogia de reis, príncipes e heróis, elogiosa, encomiástica, como exige o gênero, de fato, não ficam de fora nomes que figuram em cenas de grande bravura e notoriedade dos livros de cavalaria. Uma curiosidade lembrada por Henry Thomas é o hábito de as famílias nobres portuguesas quatrocentistas escolherem para seus filhos nomes que figuram nas novelas de cavalaria bretãs, tais como: Iseo, Ginebra, Bibiana, Tristão, Lanzarote, Parsifal e outros.

Ademais, uma hipótese comum para a presença da matéria de cavalaria do ciclo bretão nas letras portuguesas desde cedo é a célebre aliança entre Portugal e o reino bretão, fortalecida pela vitória na batalha de Aljubarrota, para cujo êxito Portugal contou com as forças inglesas; fortaleceu-se também com o casamento do rei D. João I com D. Felipa, princesa da nobreza inglesa.

Os livros de cavalaria figuram em bibliotecas nobres, conforme se pode verificar num documento, descoberto em Évora, em que se listam os livros que pertenceram ao rei D. Duarte, entre eles o *Tristão*, *Merlin* e um *Livro de Galaaz*.¹² Essas obras são certamente da família de livros que ainda hoje estão preservados, tal como a tradução quatrocentista da *Quête du Saint Graal* – a versão portuguesa intitulada *Demanda do Santo Graal*, incunábulo que pertence hoje à Biblioteca de Viena. Além disso, preservaram-se muitas narrativas que compilam trechos ou partes inteiras das narrativas de aventura dos diferentes ciclos. Há manuscritos do século XV que conservam uma tradução da terceira parte da *Demanda* e outro manuscrito do século XVI, que traz a primeira parte do ciclo, intitulada *José de Arimateia*.

¹¹ Lenda do Rei Lear. Este rrey Leyr ñ ouue filho, mas ouue tres filhas muy fermosas e amaua-as muito. E hũu dia ouue sas rrazões com ellas e disse-lhes que lhe dissessem uerdade quall dellas o amaua mais. Disse a mayor que ñ auia no mumdo que tão amasse como elle, disse a outra que o amaua tanto como ssy meesma, e disse a terceira, que era a meor, que o amaua tanto como deue d’mar filha a padre. E elle quis-lhe mall por em e por esto ñ lhe quis dar parte no rryno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rrey de Scocia, e nom curou da meor. Mas ella, por sua vemtuyra, casou-sse melhor que ñhũa das outras, ca se pagou della elrrey de Framça e filhou-a por molher. E depois seu padre della, em sa velhice, filharom-lhe seus gemros a terra e foy mallandante e ouue a tornar aa merçee delrrey de Framça e de sa filha, a meor, a que ñ quis dar parte do rreyno. E elles receberõ-no muy bẽ e derom-lhe todas as cousas que lhe forom mester e homrrarõ-no, mentre foy uiuo e mereceo em seu poder. (Do IV Livro de Linhagens, fols. X, r, in: Nunes, Joaquim José. *Crestomatia Arcaica*. Livraria Clássica: Lisboa, 1959, p. 17).

¹² *Memoria dos livros do uso d’elrei Dom Duarte*, na edição de J. I. Roquete do *Leal Conselheiro*, 1842, pp. XX-XXII: (n. 29) *Livro do Tristam*; (n. 32) *Merli*; (n. 35) *O livro de Galaaz*.

Esse manuscrito registra a data de 1314, sendo que sua cópia quinhentista foi dedicada a D. João III, conhecido entusiasta das narrativas de cavalaria. Desse ciclo, alguns existem ainda à disposição; doutros, sabe-se deles indiretamente por notícias e listagens de livros, como é o caso de uma parte da *Demanda*, intitulada *Merlin*, que teria figurado na biblioteca de D. Duarte.¹³

Na Espanha, muitos textos considerados hoje como historiográficos estão repletos de episódios que remetem às narrativas cavaleirescas, de tal modo que algumas narrativas, como trechos da *Crónica General*, sobretudo os que tratam de Bernardo del Carpio e os sete Infantes de Lara, das relações entre o Cid e Ferran Gonzales, da história de Don Rodrigo, das histórias monacais antigas e certas passagens do *Amadis*, possuem passagens nas quais a transição do que hoje se considera história daquilo que se considera fábula é quase imperceptível, exceto quando há alguma advertência. Na tentativa de dar uma boa solução para essa prática de escrita tão distante dos nossos referenciais, Gayangos entende que a diferença entre história e lenda reside no fato de a primeira referir-se a personagens históricas e a segunda, por sua vez, “fundar-se na tradição popular e tratar de personagens totalmente fabulosas”. O pressuposto da interpretação de Gayangos é conhecido: trata-se daquela disposição positivista que separa o “histórico” do “literário”, mesmo em textos que desconhecem essas categorizações nas suas formulações. Assim, embora a observação de Gayangos sobre a dificuldade em se perceber a transição da história à fábula seja pertinente, a hipótese proposta, contudo, parece-nos nem de longe resolver a questão, dado que as noções projetadas para os textos antigos são-lhes estranhas. Nesse sentido, os textos medievais não pressupõem noções estanques e minimamente definidas atualmente como o “histórico” e o “literário”, o “real” e o “fabuloso”. No entanto, podemos observar que, nas narrativas medievais, os episódios se encadeiam não numa razão de necessidade causal empírica, mas numa lógica de discursos e seus efeitos na diegese do discurso. O fim que nos parece mais plausível para a invenção dessas composições é a verossimilhança, não com o real empírico, mas com o decoro das personagens e das ações, ajuizadas, em geral, segundo seu caráter elevado, médio ou baixo, seu elogio ou vitupério, o justo e o injusto, o belo e o vergonhoso. Assim, a separação da novela de cavalaria espanhola composta no século XIV – considerada como “literatura”, daquela narrativa histórica anterior entendida como “mistos de história e literatura” – é entendida como procedimento crítico datado, que tem seus pressupostos numa

¹³ Cf. Antonio José Saraiva e Oscar Lopes. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996, 95 e seguintes.

historiografia positivista do século XIX, segundo os ditames do tempo em que foram produzidas. Insistimos em dizer que, em muitos aspectos, o método de Gayangos e de outros estudiosos está datado e que hoje temos condições de fornecer soluções mais convincentes sobre os costumes dos letrados antigos, em nada desvalorizando a excelência dos trabalhos desses estudiosos, notórios colaboradores dos estudos de narrativas antigas.

Voltando aos *romans* de aventura e cavalaria, na Europa do norte, segundo o que conhecemos do gênero, pelo menos desde o século XI, há livros como *Le Roman de Brute* e o *Roman de Rou*, atribuídos ao trovador normando Robert Wace; o *Roman de Sangreal*, atribuído a Tomás Lonelich, poeta da corte de Henrique IV da Inglaterra e o *Perceval*, de Chretien de Troyes, do século XII. Lembramos também obra como *Les enfances d'Ogier le Danois* e as *Mocidades de Ugiero* e vários outros. Tendo esses textos nórdicos como modelo, a imitação castelhana mais antiga que se conhece é a *Historia del caballero del Cisne*, parte de um texto maior conhecido como *Gran conquista de Ultramar*, compilação de textos que levou o nome de uma das suas fontes: a *Historia rerum in partibus transmarinis gestarum*, de Guillermo de Tiro. A *Gran conquista*, provavelmente da corte de Afonso X e Sancho IV, conta a história das cruzadas e as aventuras de cavaleiros, como o cavaleiro do Cisne, Godofredo de Bouillon, Carlos Magno e outros. Há também a *Cronica de don Rodrigo*, último rei dos godos que, no dizer de Gayangos, “no es mas que un conjunto de fábulas e patrañas, un verdadero libro de caballerias, ideado no século XV por Pedro del Corral”.¹⁴

Dos séculos XIV ao XVI ocorreu na Península uma imensa divulgação de textos de cavalaria, de tal modo numeroso, que foram classificados em famílias, tais como: os *romans* do ciclo bretão, os carolíngios, os de matéria da Antiguidade e grego-asiáticos: os dois primeiros são, com algumas exceções, exclusivamente franceses. O terceiro inclui as narrativas do cerco de Troia e as aventuras dos heróis gregos antigos. A última categoria reúne obras de várias procedências, seja de narrativas cavaleirescas, das quais não temos mais notícias, seja de historiadores e prosistas antigos latinos. Agregam-se nesta última classe um conjunto heteróclito de obras, a saber: as novelas cavaleirescas-sentimentais, os livros de cavalaria morais ou “ao divino”, histórias de Espanha e as narrativas cavaleirescas imitadas de autoridades, como Boiardo e Ariosto.

O conjunto de textos conhecido como ciclo bretão ou ciclo da tábula redonda constitui-se por narrativas cavaleirescas que contam a vida do sábio Merlin, suas astúcias e

¹⁴ Pascal de Gayangos. Discurso Preliminar. In: *Biblioteca de autores españoles*. Tomo XL – Libros de caballerias, Atlas, Madrid, 1963, p. V.

transformações, os feitos do rei Artur da Bretanha e as maravilhosas façanhas de Lanzarote do Lago e Galaaz e outros cavaleiros, todos empenhados na demanda do santo Graal. A história de José de Arimateia aparece em textos de finais do século XIII, atribuídos a Mattei Paris.¹⁵ A Tomas de Lonelich, da corte anglo-normando de Henrique III, atribui-se uma novela em verso intitulada *Sangreal*, que depois teria sido posta em prosa francesa por outro trovador. Nessa nova refundição, destaca-se o fato de José de Arimateia ter recolhido o sangue de Cristo no vaso ou cálice utilizado da última ceia, relíquia capaz de restaurar na terra o reinado celestial. Segundo algumas fontes, José de Arimateia seria um senador judeu, convertido ao cristianismo, que acompanhou o sepultamento de Jesus, oferecendo-lhe seu túmulo após a crucificação. Teria recolhido num vaso ou cálice o sangue que brotava das feridas de Cristo, horrorizando assim os soldados judeus que o prenderam durante 42 anos, ao fim do qual fora libertado pelo próprio Cristo, que lhe devolvera o cálice precioso. José de Arimateia dedicou-se, a partir de então, à pregação da mensagem cristã. Na Bretanha dos primeiros séculos da era cristã, o rei Artur instituiu a “távola redonda”, deixando, a conselho de Merlin, um lugar vacante para a santa relíquia que, nesse tempo, estava sob o poder do “rei Pecheur”. Desse modo, as façanhas dos cavaleiros da távola redonda, subordinados ao rei Artur, tinham como fim a reconquista do santo cálice, rendendo uma extensa narrativa a qual se constitui de inúmeros episódios que contam e descrevem aventuras, lutas, justas de cavaleiros e encantamentos maravilhosos.

Personagens como Merlin e José de Arimateia aparecem desde cedo nos *romans* normandos de Geoffrey de Monmouth e Robert Wace, considerado as fontes mais antigas da matéria: ao primeiro atribui-se a *cronica*, e ao segundo *Le roman de Brut*. Noutro momento, ocorre uma refundição que foi determinante para a história dos escritos da távola, já que a compilação atribuída a Robert de Boron, da corte de D. Edouart I, intitulada *Vie de Merlin*, em língua antiga francesa, foi difundida em outras línguas vulgares, sobretudo em Portugal, tradução esta que se considera o que de mais antigo há em português. O primeiro e mais notório aspecto da refundição de Boron é a prosificação da narrativa; além disso, destaca-se a ordenação dos episódios, conferindo-lhes certa unidade e o ardor religioso que orienta toda a obra. Assim, inicia-se com Merlin um plano demoníaco oposto ao plano de salvação, com a revelação e encarnação de Cristo entre os homens.¹⁶

¹⁵ Mattei Paris, *Monarchi Albanensis, Angli, Historia Major a Guilielmo Conquestore ad ultimum annum Henrici tertii*. Tiguri, 1606, folio.

¹⁶ Com o sucesso do cristianismo, pregado por Arimateia e outros, os diabos perdiam diariamente as almas. Diante disso, deliberaram que um deles viria à terra, escolheria uma virgem cristã e dela nasceria o destruidor de

Outra narrativa cavaleiresca da Península, entendida como continuação do Merlin, é *Lancelot du Lac*, traduzido para o castelhano como *Lanzarote del Lago*.¹⁷ Essa narrativa é uma das mais célebres histórias da Europa medieval, e sua fortuna evidencia-se no século XVII numa fala do *Don Quijote* de Cervantes:

- ¿No han vuestras mercedes leído – respondió Don Quijote – los anales e historias de Ingalaterra, donde se tratan las famosas fazañas del rey Arturo, que comúnmente en nuestro romance castellano llamamos “el rey Artús”, de quien es tradición antigua y común en todo aquel reino de Gran Bretaña que este rey no murió, sino que por arte de encantamento se convirtió en cuervo, y que andando los tiempos ha de volver a reinar y a cobrar su reino y cetro, a cuya causa no se pobrará que desde aquel tiempo a éste haya ningún inglés muerto cuervo alguno? Pues en tiempo de este buen rey fue instituida aquella famosa orden de caballería de los caballeros de la Tabla Redonda.”¹⁸

O ciclo dos cavaleiros da tábola redonda é um dos mais antigos na história das narrativas de cavalaria. Das muitas redações que se conservam, como já mencionamos, é a de Robert de Boron, autor do século XIII, uma das principais vias de transmissão desses textos, mesmo com tantas polêmicas e discordâncias entre os filólogos acerca da fortuna das fontes.

Outra obra que gozou de grande fortuna nas letras europeias, e que também pode ser considerada como continuidade do ciclo “de la table ronde”, é o *Libro del esforçado*

toda a linhagem humana. E assim se fez. O diabo desceu à terra e hospedou-se na casa de um nobre cristão da Bretanha que tinha três belas filhas. Escolheu-se a mais nova delas que resistira bravamente às investidas do mensageiro infernal, o qual, aproveitando o sono de sua vítima, cumpriu sua tarefa e a moça se fez prenha. Ao tempo, esta desonra era considerada crime com pena de morte pelas leis da Escócia, sendo a moça aprisionada numa torre onde deu à luz a um filho: Merlin. A criança fora batizada ali mesmo por Blas, um santo homem que o quisera batizar imediatamente, evitando com isso o sucesso do projeto diabólico. Próximo ao julgamento e à pena de morte, Merlin, com alguns dias de vida, consolava a mãe dizendo que nada lhe ocorreria de mal e que a defenderia no julgamento. Chamado a júri, Merlin, com uma larga e difusa peroração defendeu sua mãe, provando que um dos juízes participantes, o mais condecorado e temido por todos, não era filho daquele que se passava por seu pai, mas do prior de um convento próximo. Este juiz, para evitar sua desonra, providenciou a absolvição da mãe de Merlin e a conclusão do processo.

¹⁷ O rei Ban de Bretanha teve seu reino invadido, fugindo com sua esposa e filho dos inimigos assassinos. No caminho, sobe sozinho num monte para se despedir do seu reino, avistando-o distante, tomado pelas chamas. A visão, de tal modo desoladora, faz com que o rei caia morto ali mesmo. A rainha, percebendo a demora do marido, deixa o filho recém nascido próximo a um lago e parte em busca do esposo. Quando retornou, a criança tinha sido levada pela Dama do Lago, Bibiana, a querida aprendiz de Merlin, que por encantamento tornou-se a ninfa daquele lago. Ela se dedica à educação do Infante, que chamou de Lancelot, e de dois primos seus: Leonel e Boortes, ambos conduzidos aquele lugar de maneira igualmente maravilhosa. Lancelot, por volta dos dez anos, fora conduzido à corte do rei Artur onde se tornara cavaleiro e também se apaixonaria por Geneura (Ginebra), a esposa de Artur. Por estes amores, Lancelot lança-se a cem perigosas aventuras e temíveis buscas, movido pela satisfação da vaidade ou da ambição de sua capichosa dama, conquistando reinos e reunindo impérios, cujas coroas oferece aos pés de Ginebra. Por meio da fada Morgana, Artur descobre os amores adúlteros de Ginebra, repudiando-a. Isto faz com que Lancelot se levante contra seu rei, lutando ardorosamente. O rei Artur, no entanto, foi obrigado a abandonar a luta ao saber que Mordrec, seu próprio filho, aproveitando sua ausência, usurpou o trono real com o auxílio dos sarracenos de Espanha. No caminho de volta, o rei Artur morre em algum lugar próximo a Salisbury e seu corpo desaparece, jamais sendo encontrado. Em contrapartida, Artur é vingado por Lancelot que mata Mordrec, colocando no trono da Inglaterra, não Ginebra, mas Constantino, um parente próximo de Artur, seguindo a rainha para um monastério e Lancelot para uma ermida.

¹⁸ Cervantes. *Don Quijote de la Mancha*, I parte, cap. XIII.

caballero don Tristan de Leonis y de sus grandes hechos en armas, que teve uma versão castelhana realizada por um anônimo, sendo impressa em Valladolid, em 1501. Voltou a ser publicada em 1528 e seis anos depois, em 1534, em Sevilha. Nesta última data acrescentou-se uma segunda parte e todo o volume foi chamado de *Cronica nuevamente emendada y añadida del buen caballero don Tristan de Leonis y del rey don Tristan de Leonis el jóven, su hijo*. Essa edição do *Leonis*, de 1534, merece um pouco mais de atenção, dado que seu prólogo contém evidências importantes para o estudo da recepção da obra. O anônimo escritor, depois de orientar como os homens principais devem gastar seu tempo e aludir aos danos do jogo, declara como é melhor e conveniente a homens e cavaleiros ocupar-se da leitura de “crônicas humanas, así verdaderas como hermosas compuestas”, por serem exercício virtuoso, que os fazem inimigos dos vícios, ensinando-lhes a serem animosos, esforçados e amigos de todas as virtudes. Nesse sentido, o anônimo editor relata as suas intervenções na refacção da obra com o fim de torná-la livre dos defeitos notórios que tinha, segundo seu parecer: “De las cuales faltas y defeitos, en mi pobre talento, purgué y añadí la crónica antigua, segun la historia lo requeria”.¹⁹ De fato, a composição de transladações, ou melhor, a concepção das apropriações dos textos não tinham necessariamente a ideia de transmissão integral dos elementos do texto de partida. Assim, nas declarações acima, o editor ressalta as motivações morais que o levaram às intervenções na obra traduzida. Noutros livros, outras são as justificativas para as alterações e apropriações que nos permitem concluir que a noção de tradução desses tempos passa ao largo da nossa ideia de fidelidade ao texto e aproxima-se da ideia de apropriação ou refundição, de acordo com fins específicos do texto de chegada.

Voltando ao *Tristan de Leonis* – narrativa paradigmática do gênero e muito conhecida na Península –, nela há uma profusão de elementos que constituem praticamente os lugares comuns desses livros: fadas, encantamentos, ermidas e ermitões, vaticínios, anões, gigantes, enamoramentos, filtros mágicos, ilhas encantadas, mulheres curandeiras, enlouquecimento por encantamento, bosques encantados, espadas envenenadas, sequestro de donzelas etc., e o fato de haver, nesses *romans* franceses medievais, cenas de adultério, aventuras amorosas e duelos violentos bastante distantes das moralidades cristãs caracterizam-lhes como obras notadamente profanas. Todavia, apesar de todos esses elementos ditos “maravilhosos”, o *Leonis*, em certa medida destaca-se de outras obras congêneres, em virtude de existir um grande número de devotas considerações e admoestações cristãs adornando toda a narrativa.

¹⁹ *Prologo de Leonis* apud Gayangos, op.cit., nota 1, p. XIV.

Em face disso, Gayangos sugere que o desconhecido autor provavelmente seja um homem de igreja e que talvez seja o mesmo autor do oitavo livro do *Amadis*, publicado em 1528, por haver certas semelhanças de estilo na comparação das duas obras.²⁰

Com a imprensa, as narrativas do ciclo arturiano ou bretão foram bastante difundidas na Península Ibérica e em terras italianas por todo o século XVI: em 1498, em Burgos foi impresso *El Baladro del sabio Merlin* e em 1500, em Sevilha, saiu *Merlin y Demanda del Sancto Grial*. Em 1515, em Toledo, publicou-se *La Demanda del sancto Grial. Con los marauilhosos fechos de... y Galaz su fijo*. Em 1535, saiu em Sevilha *La Demanda del sancto Grial con los marauilhosos fechos de Lançarote y Galaz su fijoo*. O editor João Álvares publicou em Coimbra, no ano de 1554, o texto português *Triunfos de Sagramor, em que se trataõ os feitos dos cavalleiros da segunda Tabola Redonda*; em 1567, João Barreira imprimiu em Lisboa as *Memórias das proezas dos cavalleiros da segunda Tabola Redonda*. Versões da *Crónica de Tablante e Ricamonte e Jofre, hijo del conde don Asson* saíram nos anos de 1513, 1526 e 1599. A história de Tristan de Leonis também teve algumas versões publicadas nos anos de 1501, 1528, 1533 e 1544. Nos domínios italianos: em 1480, em Veneza, publicou-se a *Istoria de Merlin, con le sue professsie*. Em 1551, nesta mesma cidade, saiu *L'illustre et famosa historia di Lancilloto dal Lago, che fu al tempo del Ré Artú; nella quale si fa mentione dei grandi fatti, et alta sua caualeria, et di molti altri ualorosi cauallieri suoi compagni della tavola ritonda*. Em data incerta foi publicada o *Secondo uolume della taula tonda (sic) di Lancilotto del Lago, nel quale è fatta mentione primieramente come tutti quegli della magione del Ré Artú furono tribulati per Lancilotto, credendo che fosse morto, et come la dama del Lago ua lui in Cornuaglia et lo mena, et lo guarisce di una frenesia della quale era ammalato*.²¹ Em 1549, publicou-se o *Libro terzo de'gran fatti de ualoroso Lancilotto del Lago*. Também saiu dos prelos venezianos *Gli egregi fatti del gran Ré Maliadus con altre rare prodezze del Ré Artú, di Palamides, Amorault d'Irlanda, el buon caualieri senza paura, Galleault il Bruno, Segurades, Galaad, ed altri ualorosi caualieri di quel tempo*. Em 1559, saiu *La seconda parte delle prodezze ed aspre guerre del gran Meliadus Ré di Leonis, et il suo innamoramento con la morte, etc*. Com esses impressos

²⁰ Cf. Pascal de Gayangos. Discurso Preliminar. In: *Biblioteca de autores españoles*. Tomo XL – Libros de caballerias, Madrid, Atlas, 1963, p. XV.

²¹ Este título nos chama a atenção pelo caráter sumário com que se constitui, levando-nos a supor uma valorização do desdobramento do enredo para além das novidades da história. Isto é, importa mais ao leitor o modo como a narrativa se realiza do que os eventos que se darão, que se não são conhecidos *a priori*, são adiantados no título.

podemos verificar que os títulos correspondem às histórias arturianas que conhecemos nas versões castelhanas e portuguesas. Com isso, Gayangos chega a sugerir a possibilidade de algumas versões peninsulares terem nas italianas os seus textos de partida.²² Ademais, com essa enumeração evidencia-se que a narrativa cavaleiresca é um gênero da prosa de grande fortuna nas letras ibéricas, havendo uma diversidade imbricada de textos e estilos que são coerentes em diversos elementos de sua constituição, tais como: o *ethos* virtuoso dos cavaleiros, seus amores, os amuletos, os encantamentos, os monstros, as viagens a distantes paragens e outros. Com a “emienda”, as famílias de narrativas se estendem séculos afora numa genealogia de heróis ora virtuosos e modelares, ora viciosos e condenáveis.

²² Cf. Gayangos, op. cit., nota 3, p. XVI.

Referências

- IV Livro de Linhagens*, fols. X, r, in: Nunes, Joaquim José. *Crestomatia Arcaica*. Livraria Clássica: Lisboa, 1959.
- DEYERMOND, Alan apud Cristina González, in: Introdução. *Libro del caballero Zifar*. Madrid, Catedra, 1983.
- FONTANALS, Manuel Milá. De los trovadores en España apud Thomas. *Las novelas de caballerias españolas y portuguesas*. Madrid: Consejo de investigacion científica, 1952.
- GAYANGOS, Pascal de. *Discurso Preliminar*. In: Biblioteca de autores españoles. Tomo XL – *Libros de caballerias*, Atlas, Madrid, 1963
- Libro del Caballero Zifar*. Edição de Cristina González. Madrid: Cátedra, 1983.
- Memoria dos livros do uso d’elrei Dom Duarte*, na edição de J. I. Roquete do Leal Conselheiro, 1842, pp. XX-XXII: (n. 29) Livro do Tristam; (n. 32) Merli; (n. 35) O livro de Galaaz.
- PARIS, Mattei. *Monarchi Albanensis, Angli, Historia Major a Guilielmo Conquæstore ad ultimum annum Henrici tertii*. Tiguri, 1606.
- SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. Gênese da ficção medieval em prosa. In: *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.
- THOMAS, Henry. *Las novelas de caballerias españolas y portuguesas*. Madrid: Consejo de investigacion científica, 1952.